



VIOLÊNCIA E COMUNICAÇÃO ON-LINE: ANÁLISE DO CONTEÚDO DE PUBLICAÇÕES VIOLENTAS NO FACEBOOK

VIOLENCE AND ONLINE COMMUNICATION: CONTENT ANALYSIS OF VIOLENT POSTS ON FACEBOOK

VIOLENCIA Y COMUNICACIÓN ONLINE: ANÁLISIS DEL CONTENIDO DE LAS PUBLICACIONES VIOLENTAS EN FACEBOOK

Mariana Alarcon Datrino*
Alana Nogueira Volpato**

RESUMO

Nos últimos anos é possível observar o crescimento de uma onda conservadora no Brasil, com a qual ascenderam diversos movimentos sociais regressivos amparados por redes digitais. Este estudo pretende compreender de que forma diferentes violências são manifestadas nas publicações do Movimento Conservador em sua página do Facebook. Espera-se identificar aspectos ligados às diferentes formas de violência nas publicações, demonstrar as articulações entre as formas de violência e apresentar como os seguidores se engajam com esse conteúdo. Para tanto, coletamos publicações da página durante um mês e meio. Após filtragem dos dados, foram analisadas e classificadas 55 publicações que apresentavam conteúdo violento. Concluímos que a percepção do outro como inimigo, configura uma violência simbólica na comunicação digital de movimentos sociais conservadores e oferece sustentação para outras violências que extrapolam o ambiente virtual e contribuem para a construção de uma cultura violenta.

Palavras-chave: Movimento Conservador. Comunicação Digital. Violência. Conservadorismo. Facebook.

ABSTRACT

In recent years, we can observe the growth of a conservative wave in Brazil, in wich several regressive social movements have emerged, supported by digital networks. This study aims to understand how different forms of violence are manifested in posts of the Conservative Movement on its Facebook page. We expect to identify aspects related to the different forms of violence in the posts, demonstrate the articulations between the forms of violence and present how followers engage with violent content. For that, we collected posts of the page during one and a half month. After filtering the data, we analyzed and classified 55 posts that had violent content. We conclude that the perception of others as an enemy, in addition to configuring a symbolic violence in the digital communication of conservative social movements, offers support for other forms of violence that go beyond the virtual environment and contribute to the construction of a violent culture.

Keywords: Conservative Movement. Digital Communication. Violence. Conservatism. Facebook.

RESUMEN

En los últimos años, es posible observar el crecimiento de una ola conservadora en Brasil, en la cual han surgido movimientos sociales regresivos, apoyados en las redes digitales. Este estudio pretende comprender cómo se manifiestan diferentes formas de violencia en las publicaciones del Movimiento Conservador en su página de Facebook. Se espera identificar aspectos relacionados con las diferentes formas de violencia en las publicaciones, demostrar las articulaciones entre las formas de violencia y presentar cómo los seguidores interactúan con los contenidos violentos. Para ello, se recolectaron publicaciones de la página durante un mes y medio. Se analizaron y clasificaron 55 publicaciones que tenían contenido violento. Concluimos que la percepción del otro como enemigo configura una violencia simbólica en la comunicación digital de los movimientos sociales conservadores y ofrece soporte a otras formas de violencia que van más allá del entorno virtual y contribuyen a la construcción de una cultura violenta.

Palabras-clave: Movimiento Conservador. Comunicación digital. Violencia. Conservantismo. Facebook.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo nº 20/10447-6. Graduada em Relações Públicas pela mesma instituição. É membro do Grupo de Pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais - ComMov.
Orcid: 0000-0002-6590-871X
E-mail: mariana.datrino@hotmail.com

** Doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo nº 2019-00781-9. Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especialista em Comunicação Popular e Comunitária e Graduada em Comunicação Social - Relações Públicas pela mesma Universidade. Integra o Grupo de Pesquisa em Comunicação Midiática e Movimentos Sociais - ComMov.
Orcid: 0000-0002-4988-9942
E-mail: alana.volpato@unesp.br

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, observou-se o crescimento e o fortalecimento de uma onda conservadora no Brasil. Henrique (2017), em uma reportagem para o site da DW, apresenta uma comparação de dados entre uma pesquisa de 2010 e 2016 que confirma o aumento de uma postura mais conservadora entre os entrevistados quando apresentado temas como a pena de morte e aborto. Além disso, este cenário é composto principalmente pelas questões históricas de nosso país, as desigualdades existentes, insatisfação da classe média, e crises na representação política e religiosa (HENRIQUE, 2017).

Essa onda conservadora é definida por Keller (2019, p. 161-162) como “um fenômeno antidialético de congelamento da história, visando impedir mudanças que possam alterar de forma significativa a realidade posta, o que vai de encontro às tentativas de construção de novas formas de sociabilidade pelos segmentos sociais mais arrojados”. Keller (2019) ainda complementa que este fenômeno se constitui de forma heterogênea, composto por diversas questões internas que se reconfiguram de acordo com as realidades vividas, e que gera impactos no campo social, econômico e político.

Diversos atores sociais disputam na esfera simbólica os sentidos que esta onda conservadora assume. Entre eles, é possível citar os movimentos sociais de direita que passam a ocupar a cena pública após os ciclos de protesto de junho de 2013, disputando espaço com as ações coletivas contestatórias de caráter progressista (THIBES et al, 2020) que, tradicionalmente, embasaram pesquisas brasileiras na área. Entendemos que movimentos sociais criam “um campo político de força social na sociedade civil” (GOHN, 2006, p. 251) em processos de organização e mobilização que podem ser protagonizados por classes populares e oprimidas reivindicando ampliação de direitos, mas, também, por elites, segmentos conservadores e reacionários que se opõem de forma reativa a tais avanços, entendidos como contramovimentos ou movimentos sociais regressivos (SILVA; PEREIRA, 2020; MARTINS, 2018).

Em um contexto de mediatização marcado pelo desenvolvimento de tecnologias digitais, movimentos sociais atuam na internet criando seus canais com conteúdos próprios, fazendo amplo uso de plataformas de redes sociais e de aplicativos de mensagens instantâneas para conectar pessoas, compartilhar informações, obter visibilidade midiática e participar dos processos de formação da opinião pública.

Por um lado, a internet ajuda a superar as barreiras geográficas e temporais, ampliando o alcance da informação e possibilitando a criação de comunidades com interesses comuns, sendo, portanto, um ambiente com potencial para a mobilização da sociedade civil. Por outro, também reverbera diversas questões, discursos e comportamentos que se dão no mundo off-line, entre eles, a propagação e incentivo de discursos violentos e a violência em si.

O ambiente digital tem se mostrado terreno fértil para discursos de ódio e hostilidade contra minorias, posicionamentos ideológicos extremistas e divulgação de informações não confiáveis que legitimam comportamentos intolerantes que podem reverberar para além dos espaços virtuais, minando a democracia (SANTOS, 2016). Em sites de redes sociais como o Facebook, “as práticas sociais que influenciam as conexões (como a necessidade de ter mais conexões ou a flexibilidade do conceito de «amigo») influenciam também os modos de espalhamento dos discursos entre os grupos sociais” (RECUERO; SOARES, 2012, p. 242). A distância (e, muitas vezes, o anonimato) entre os participantes de uma conversa na rede pode ampliar a sensação de desresponsabilização, potencializando a propagação de violências (RECUERO, 2013).

No mais, a atuação dos movimentos sociais na internet é orientada pelos mesmos pressupostos que guiam as práticas off-line, ou seja,

[...] a internet não pode ser “destacada” do contexto mais amplo da vida das pessoas, como se constituísse um mundo virtual paralelo ou à parte do fluxo das atividades cotidianas. Ao invés disso, a internet deve ser entendida de modo integrado ao conjunto da vida, suplementando as interações face a face e o uso de outras tecnologias de comunicação mais tradicionais (MAIA, 2011, p. 71).

Partindo do ponto de vista dos estudos em comunicação para a paz, entendemos que a forma como atores sociais expressam suas demandas e interagem com seus públicos, inclusive no ambiente digital, pode reproduzir um ciclo de violências, assim como pode interrompê-lo, contribuindo para a construção de uma cultura de paz, que valorize o diálogo, a convivência com a diferença e o respeito à diversidade de opiniões.

Para compreender como atores da nova direita participam desse processo, selecionamos como objeto de estudo postagens da Fanpage do Movimento Conservador no site de rede social Facebook. Segundo seu site oficial¹, o movimento foi fundado em 2016 com o nome de “Direita São Paulo”. A expansão para outras regiões do Brasil motivou a mudança posterior do nome. Atualmente, a organização está presente em mais de 85 municípios, em 12 estados do país, totalizando cerca de 3.000 membros. O movimento apoia diversas pautas conservadoras, entre elas o projeto de Lei Escola Sem Partido, a luta pela vida de Policiais Militares, a revogação do estatuto do desarmamento, e se posiciona contra o aborto e lei de migração (MOVIMENTO CONSERVADOR, 2020).

Este estudo tem como objetivo compreender de que forma diferentes violências são manifestadas nas publicações do Movimento Conservador no Facebook. Especificamente, espera-se identificar aspectos ligados às diferentes formas de violência nas publicações, demonstrar as articulações entre as formas de violência e apresentar como os seguidores se engajam com esse conteúdo.

2 ESTUDOS PARA PAZ E AS VIOLÊNCIAS

Johan Galtung foi um dos primeiros pesquisadores dos Estudos para a Paz e inovou ao propor que a paz deve ser entendida como ausência/redução de violência (GALTUNG, 1969), proposição que provocou uma mudança epistemológica significativa, pois contrapôs a ideia comumente disseminada de que a paz era a ausência de guerra. Além disso, o modelo de investigação proposto por Galtung relaciona valores, teoria e dados (WIBERG, 2005). Entre suas contribuições, é possível citar a criação de uma tipologia de violência para explicar sua reprodução, evidenciando que os atos de violência física são sustentados e alimentados por outras formas. Cria, assim, uma tríade para explicar o fenômeno: a) violência direta; b) violência estrutural; c) violência cultural.

A primeira, violência direta, pode ser compreendida como uma violência que é facilmente observada, bem como é possível identificar um agressor. Já a violência estrutural se caracteriza pela privação de direitos e está associada às estruturas sociais, econômicas e políticas, o que dificulta a identificação do ator que a pratica, mesmo que seja possível perceber as vítimas. Essa diferenciação ressalta que os atos físicos, embora sejam a expressão mais evidente da violência, não dão conta de explicá-la (GALTUNG, 1969).

Por último, Galtung (1990) propõe o conceito de violência cultural, considerada a mais sutil, por pertencer à esfera simbólica, que pode ser caracterizada pelos discursos difundidos em uma determinada cultura que visam legitimar as duas violências anteriores, podendo ter como base perspectivas ideológicas ou religiosas.

Para o autor, as três violências se relacionam, formando um triângulo em que uma influencia a outra. A violência direta pode ser o resultado de violências estruturais que privam cidadãos de direitos básicos e criam sistemas de opressão. Tanto a violência direta como a estrutural, dependem de discursos que circulam na sociedade, justificando uma ordem social pautada em desigualdades tanto quanto eventos e atos violentos (GALTUNG, 1990). Johansen (2007) afirma que usar a violência, em qualquer uma de suas formas, contribui para perpetuar um ciclo de violência que se retroalimenta.

Ao compreender que paz é a ausência de violência, Galtung (1996) articula os conceitos de paz negativa e paz positiva, sendo a primeira caracterizada pela ausência de violência direta e a segunda pela ausência ou redução da violência estrutural. Assim, para construir uma cultura de paz a resolução de conflitos, compreendidos como oposição entre os interesses de diferentes atores, pode tanto abarcar um estado de violência explícita, como buscar evitá-los antecipadamente.

Para colaborar com uma cultura de paz, a comunicação deve mostrar que é possível buscar alternativas pacíficas para solucionar conflitos, reconhecer e legitimar a diversidade de opiniões para favorecer o diálogo e mostrar que a realidade pode ser transformada (SALINAS, 2014). Pelo contrário, uma comunicação orientada para a violência evidencia posições divergentes e polarizadas sobre o conflito, colocando os atores envolvidos como oponentes que se enfrentam. Ainda, essa comunicação pode indicar que o problema a ser solucionado não é o conflito, mas os demais atores que apresentam visões divergentes sobre ele, levando à sua desumanização (SALHANI; CABRAL, 2017).

Entendendo o papel da comunicação e as relações entre as diferentes formas de violência, questionamos: de que forma a comunicação praticada pelo Movimento Conservador no Facebook contribui para uma cultura de paz ou de violência?

3 METODOLOGIA

A pesquisa empírica desenvolvida se fundamenta na Análise de Conteúdo que, segundo Bardin (1995), tem como base uma abordagem quali-quantitativa, a fim de verificar como o Movimento Conservador propaga a violência em sua rede social digital. Em seu aspecto quantitativo, espera-se encontrar quais são as violências identificadas de forma recorrente e quais são as combinações de violência mais frequentes, bem como identificar quais delas promovem maior engajamento de seu público. No que tange o aspecto qualitativo, se dá por meio das inferências das autoras que tem como base a verificação de como as violências são articuladas na rede.

A metodologia de pesquisa na internet compreende alguns aspectos, entre eles Fragoso, Recuero e Amaral (2013) apontam que uma das formas de se observar a construção dos discursos no ambiente on-line é através da intensidade, portanto, ao selecionar, intencionalmente, uma determinada amostra, é possível observar quais foram os discursos violentos mais presentes nos conteúdos publicados, e quais tiveram maior compartilhamento dos usuários.

Na internet, ambiente midiático em que se concentra esta pesquisa, o Movimento Conservador se organiza, além de seu site oficial, em páginas de sites de redes sociais como Facebook² (149,7 mil seguidores), Instagram³ (49,4 mil seguidores), Twitter⁴ (12,8 mil seguidores) e Youtube⁵ (7,4 mil seguidores)⁶. Selecionamos a página do Facebook para realizar a coleta de dados por ser a rede social do movimento que concentra o maior número de seguidores.

A coleta dos dados foi realizada em março de 2020, obtendo 196 publicações realizadas entre 1º de fevereiro a 17 de março de 2020. A extração do conteúdo das postagens, bem como dos dados referentes a elas (como legenda da postagem, número de reações⁷, comentários e compartilhamentos, dia e hora das postagens), foi realizada por meio da ferramenta Fanpage Karma⁸, gerando uma planilha editável em formato Excel.

Após a coleta, foi feita uma leitura flutuante com todo o material coletado pela ferramenta, a fim de selecionar apenas as publicações que iam ao encontro do que se espera debater neste artigo: violência. Neste processo de filtragem, excluímos da amostra as transmissões ao vivo, publicações que não foram identificadas como violentas e links corrompidos de publicações apagadas ou retiradas da plataforma.

Por publicações sem violência, entendemos as publicações que chamavam o público para integrar ao movimento, que apresentavam notícias objetivas relacionadas a decisões jurídicas, chamadas para acessar conteúdos em outras plataformas, perguntas abertas, bem como exaltação de políticos. Já os links corrompidos, podem estar associados à exclusão do conteúdo por meio do administrador da página, alteração na configuração de privacidade ou até mesmo retirada do conteúdo por meio da gestão da plataforma.

[2] <https://www.facebook.com/movimentoconservador/>. Acessado em: 25 mar. 2020.

[3] https://www.instagram.com/movimentoconservador_. Acessado em: 25 mar. 2020.

[4] <https://twitter.com/CONSERVADORLSMO>. Acessado em: 25 mar. 2020.

[5] <https://www.youtube.com/movimentoconservador>. Acessado em: 25 mar. 2020.

[6] Dados numéricos referentes a julho de 2020.

[7] Consideramos como reações todas as possíveis respostas de usuários em publicações no Facebook por meio de emoticons, sendo eles: curtir, amei, haha, uau, triste, grr.

[8] Plataforma online que permite monitorar e analisar dados de páginas em sites de redes sociais. Além de reunir e comparar dados entre páginas, permite exportar os dados selecionados pelos usuários em diferentes formatos, indicando página, link da publicação original, legenda, entre outros indicadores. A plataforma disponibiliza um período de teste de 14 dias gratuitamente e após isso passa a cobrar valores distintos de acordo com as ferramentas de interesse do usuário. Disponível em: <https://www.fanpagekarma.com/>. Acessado em: 25 mar. 2020.

Com o processo de filtragem, a amostra da pesquisa foi de 55 publicações. A partir disto, foi realizada uma leitura aprofundada das mesmas e, posteriormente, elaboradas cinco possibilidades de classificação para o conteúdo que manifestava argumentos violentos, sendo elas: (1) violência direta, (2) desmoralização, (3) percepção do outro como inimigo, (4) machismo e (5) privação de direitos. Cada postagem da amostra apresentou a ocorrência de ao menos um desses tipos de violência, cuja descrição é detalhada no quadro a seguir:

Quadro 1 – Classificações das violências encontradas nas publicações.

Classificações	Explicação dos conteúdos enquadrados
(1) Violência direta	Incentivo/representação/apoio à violência direta bem como seu reforço por meio de expressões linguísticas. Inclui conteúdos de legitimação da violência policial, ameaças e apoio às atuações agressivas.
(2) Desmoralização	Utilização de palavras e adjetivos pejorativos/ironias/sátiras para desmoralizar atores políticos e sociais.
(3) Percepção do outro como inimigo	Articulação de ideias que representam a posição política e ideológica diferente do movimento como inimigo, promovendo o conflito e criando ideia de perseguição.
(4) Machismo	Apresentação de argumentos machistas para caracterizar e ofender situação e/ou pessoas.
(5) Privação de direitos	Argumentos que justificam, promovem e apoiam atitudes/leis que visam a precarização de direitos.

Fonte: Elaborado pelas autoras. 2022.

Importante ressaltar que a criação dessas classificações visa viabilizar o processo de análise de conteúdo, e não limitar as complexidades existentes na produção das publicações, ou seja, essa classificação reflete uma sistematização de acordo com os objetivos desta pesquisa. Essa complexidade também se dá ao fato de que muitas vezes as violências mencionadas acima se dão de forma conjunta, criando uma esfera de violência que atravessa diversas questões sociais. Nossa intenção não é, portanto, fragmentar o objeto, já que de acordo com Galtung (1990) as diferentes violências se sustentam, contribuindo para um ciclo de manutenção de tal cultura. Desta forma, a análise buscou compreender como essas articulações foram feitas e quais delas foram mais recorrentes, a fim de verificar como a cultura de violência é perpetuada na comunicação digital do Movimento Conservador.

Por fim, para identificar quais as formas de manifestação de violência com maior engajamento⁹, utilizamos a média das reações, dos comentários e dos compartilhamentos de cada postagem para identificar aquelas que se destacaram. O próximo tópico demonstra como a sistematização e cruzamentos de dados permitiram a compreensão e reflexão sobre as relações entre conservadorismo, comunicação digital e violência no Brasil.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Pretende-se, neste tópico, expor como os argumentos violentos que foram apresentados e relacionados entre si na amostra selecionada, bem como exemplificar a relação entre violência e engajamento dos usuários seguidores do Movimento Conservador. Após a codificação do material de acordo com as possibilidades de classificação, apresentamos a seguir o detalhamento da quantidade de ocorrências das diferentes violências nas 55 postagens analisadas, para compreender quais são as violências mais apresentadas e articuladas na página do movimento. Destacamos, portanto, a quantidade de vezes em que uma forma de violência foi identificada na amostra de forma isolada ou associada a outras formas, ou seja, uma mesma postagem pode conter mais de uma manifestação de violência, por isso a totalidade excede ao número de publicações analisadas.

[9] Considerado como a interação dos usuários com as publicações por meio das ferramentas oferecidas pelo site de rede social, somando reações, comentários e compartilhamentos.

Quadro 2 – Violências manifestadas de forma isolada e associada nas publicações.

Manifestação da violência	Quantidade de postagens em que essa forma de violência é manifestada isoladamente	Quantidade de postagens em que essa forma de violência é associada à outras
Violência Direta	1	7
Desmoralização	6	23
Percepção do outro como inimigo	10	27
Machismo	1	7
Privação de direitos	2	1

Fonte: Elaborado pelas autoras. 2022.

No Quadro 3, foi possível observar quais foram as associações mais frequentes entre as violências. A “percepção do outro como inimigo” foi tanto a violência com mais ocorrências de forma isolada, quanto a mais associada às demais formas. Além disso, essa associação foi mais frequente com a desmoralização, estabelecendo uma relação de agressividade direta com seus opositores através de um discurso que visa degenerar aqueles que se posicionam diferentemente.

Quadro 3 - Repetição e articulação das violências nas publicações.

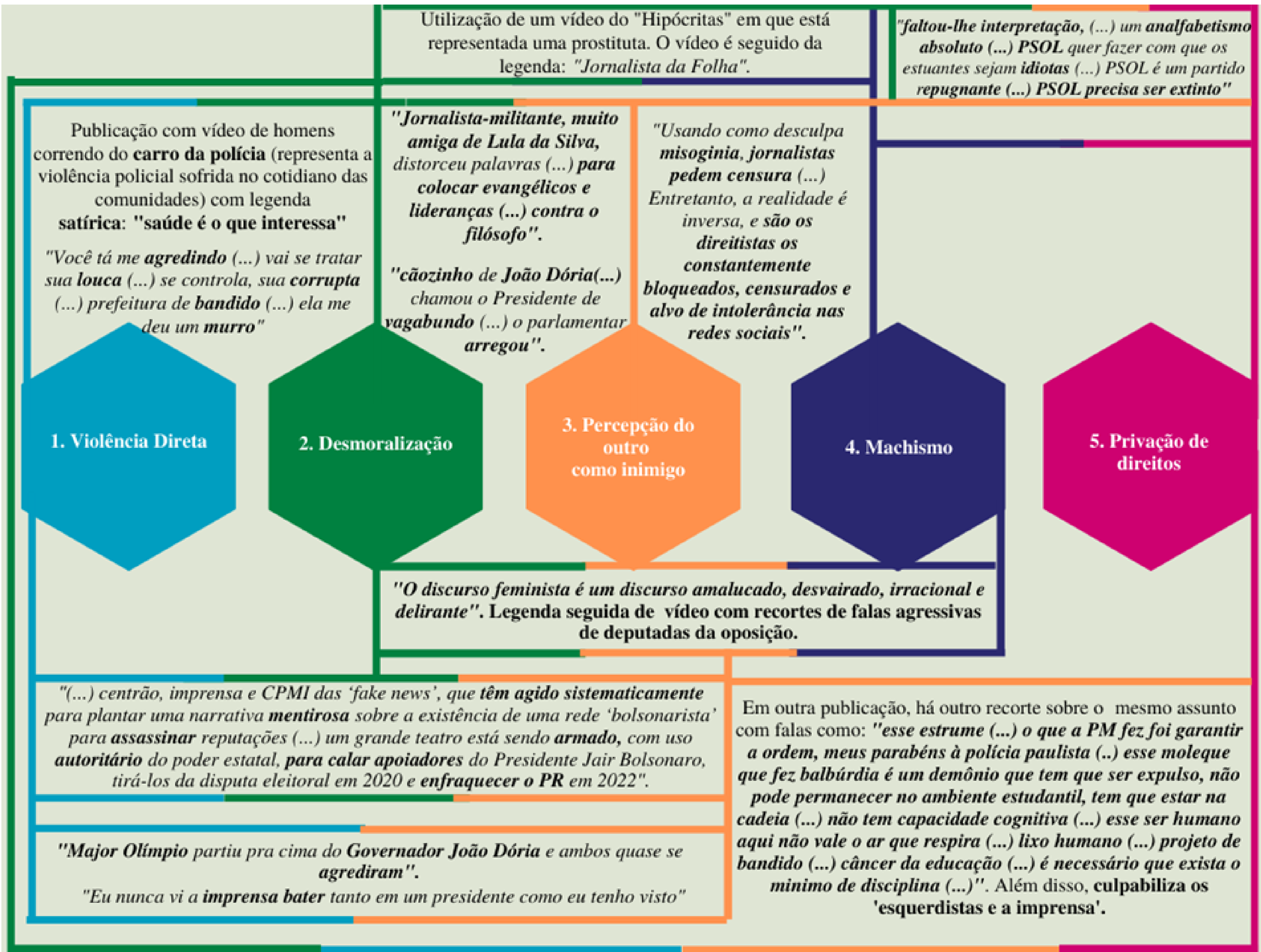
Articulações entre as formas de manifestação da violência	Quantidade de postagens com essa articulação
“Violência direta” e “percepção do outro como inimigo”	3
“Desmoralização” e “percepção do outro como inimigo”	15
“Desmoralização” e “machismo”	1
“Percepção do outro como inimigo” e “machismo”	2
“Violência direta”, “desmoralização” e “percepção do outro como inimigo”	2
“Desmoralização”, “percepção do outro como inimigo” e “machismo”	4
“Desmoralização”, “percepção do outro como inimigo” e “privação de direitos”	1
“Violência direta”, “desmoralização”, “percepção do outro como inimigo” e “privação de direitos”	2

Fonte: Elaborado pelas autoras. 2022.

Para exemplificar e sistematizar as articulações das violências manifestadas, optamos por apresentar o Infográfico 1 que demonstra visualmente as relações entre as classificações apresentadas no Quadro 1. Tal abordagem nos permite expor para o leitor trechos das postagens que justificam a classificação do conteúdo, relacionando-os com as formas de violência e suas articulações, exemplificando cada uma delas.

Na imagem a seguir, cada possibilidade de classificação do conteúdo é apresentada em um hexágono e representada por uma cor. Os textos são trechos ou descrições das publicações destacadas por permitirem perceber a manifestação das formas de violência. Os textos são cercados por molduras que indicam, por meio das cores, as violências identificadas naquele conteúdo. Portanto, trechos cercados por uma moldura verde e azul clara apresentaram violência direta e desmoralização, articuladas. Cada cor que compõe a moldura indica a presença de uma forma de violência naquele conteúdo.

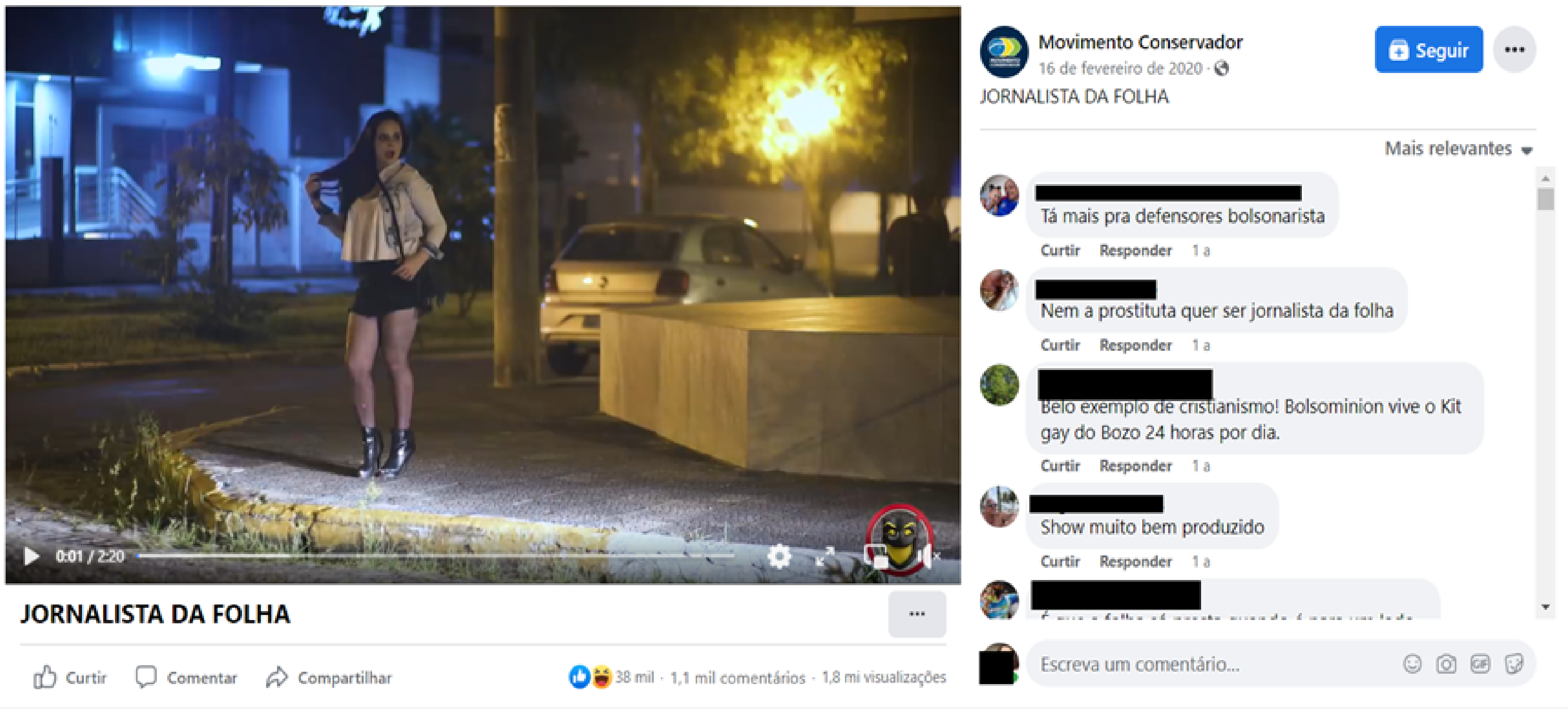
Infográfico 1 – Articulação das Violências.



Fonte: Elaborado pelas autoras. 2022.

Deste modo, é possível observar que há uma tendência em realizar uma associação de violências, conforme o Infográfico 1, construindo um discurso complexo e que esbarra em uma agressão aos diversos grupos sociais e até mesmo à democracia como um todo. Neste sentido, destaca-se que algumas publicações precisam ser compreendidas em paralelo com o tempo e contexto social, político e cultural. Por exemplo, o caso em que uma jornalista da Folha de S. Paulo foi insultada pelo Presidente Jair Bolsonaro em uma determinada ocasião e, posteriormente, o Movimento Conservador – apropriando-se do vídeo¹⁰ do “Hipócritas”¹¹ que retrata uma prostituta sendo confundida com uma jornalista – tenta desmoralizar as mulheres em sua atividade profissional através de um discurso machista e violento.

Figura 1 – Captura de tela da fanpage do Movimento Conservador.



Fonte: Capturado pelas autoras. 2022.

[10] <https://www.facebook.com/watch/?v=220574395778020>
[11] <https://www.youtube.com/channel/UCARDgc77ogd21gfi7kiWUQ>

Também é interessante notar que a postagem com o maior número de violências articuladas (quatro das cinco possibilidades) apresenta o vídeo do Deputado Estadual Douglas Garcia na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), comentando o caso dos alunos de uma escola pública que sofreram violência policial. Em seu discurso, o deputado parabeniza a violência praticada pela Polícia Militar, incentivando e legitimando o uso de violência direta. Utiliza de diversos adjetivos agressivos para desmoralizar um dos jovens que foi vítima da agressão. Ao longo do vídeo, o aponta como inimigo da sociedade e complementa que ele não deveria ocupar o espaço escolar, defendendo a privação do direito básico à educação.

Além disso, profere diversas ofensas aos atores políticos da esquerda e à imprensa, os apontando como “inimigos” e causadores de diversos problemas da educação. Como visto anteriormente, a percepção do outro como inimigo é a violência isolada mais recorrente (aparece em 10 de 55 publicações) e, na maioria das vezes, se refere à imprensa e todos os que possuem opiniões divergentes do Movimento Conservador, que se coloca como perseguido e injustiçado por esses atores.

Em primeiro lugar, o uso recorrente da percepção do outro como inimigo reproduz uma comunicação orientada para a violência, já que favorece a bipolarização entre “nós” e “eles”, os inimigos, que são vistos não como adversários com opiniões divergentes sobre um problema, mas como o próprio problema a ser enfrentado (ou, nas próprias palavras do Movimento Conservador em uma das postagens sobre o Partido Socialismo e Liberdade (Psol), “extinto”). Nesse sentido, a busca de diálogo e formação de consensos é prejudicada por uma abordagem em que o objetivo não é conviver e encontrar caminhos coletivos, mas vencer o conflito.

Em segundo, a associação frequente dessa mesma classificação aponta que tal percepção serve de sustentação para que outras formas de violência sejam legitimadas. A partir do momento em que o outro é entendido como inimigo, é possível defender que ele não deve ser considerado um interlocutor válido, que ele seja privado de determinados direitos, que as injustiças cometidas contra determinados grupos sejam justificadas. Dessa forma, desmoralizar o outro e submetê-lo a outras formas de violência são ações necessárias na defesa do grupo propagador do discurso que contribui para uma cultura de violência online e, no limite, oferece aporte simbólico para violência direta.

Outra reflexão importante trata da recepção desses conteúdos pelos usuários seguidores do Movimento Conservador no Facebook. Com base na tabela fornecida pela Fanpage Karma, somamos o número total de reações, comentários e compartilhamentos, dividindo cada uma dessas somas pela quantidade de postagens que compõem a amostra. Determinou-se, assim, a média de engajamento das postagens realizadas no período, sendo: a) média de reações por postagens: 619; b) média de comentários por postagens: 64; c) média de compartilhamentos por postagens: 568.

A partir disso, identificamos aquelas que apresentaram engajamento muito acima da média para refletir sobre suas características, das quais destacamos cinco. A associação de violência com mais engajamento foi referente ao caso da jornalista da Folha de S. Paulo, já citada anteriormente, com 38 mil reações e 1,1 mil comentários (número discrepante em relação as outras publicações) que revela como os seguidores propagam discurso machista e se identificam com a desmoralização da imprensa. Neste mesmo sentido, outra publicação que compreende a fala do Ratinho – apresentador de rede televisiva aberta, empresário e também ex-político – sobre a imprensa como perseguidora do presidente, reuniu 1.064 reações.

Destacamos ainda a publicação com a fala do deputado Douglas sobre o jovem que sofreu violência policial, com 1282 reações. Além disso, publicações que visavam desmoralizar atores políticos da oposição, por exemplo, a sátira das falas da ex-presidenta Dilma Rousseff com 2.500 reações – conforme a Figura 2 –, e outra publicação no mesmo teor sobre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva que o caracterizava como um palhaço – conforme na Figura 3 –, com 776 reações.

Figura 2 – Captura de tela da publicação que se refere à ex-presidenta Dilma Rousseff.



Fonte: Capturado pelas autoras, 2022.

Figura 3 – Captura de tela da publicação que se refere ao ex-presidente Lula.



Fonte: Capturado pelas autoras, 2022.

Desta forma, é possível compreender que todas as publicações com os maiores engajamentos estão associadas à percepção do outro como inimigo ou a desmoralização de adversários políticos, ou seja, o discurso violento com maior aceitação dos seguidores está pautado na promoção do conflito com base na intolerância às diferentes formas de compreender a esfera social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise da comunicação digital do Movimento Conservador na página do Facebook, é possível notar como ações, discursos e posicionamentos do movimento, inserido no contexto da nova direita no Brasil, estão alinhados às diferentes formas de violência. Além de conteúdos próprios, muitas vezes as postagens estavam relacionadas à reprodução de falas de figuras públicas (filósofos e atores políticos, por exemplo), dando espaço para seus discursos violentos.

Foi possível identificar o ciclo de violência e as relações estabelecidas entre as diferentes manifestações e que vão ao encontro das tipologias de Galtung de forma difusa e complexa. Observamos a violência cultural nas postagens por meio dos discursos que legitimam e enaltecem a violência direta praticada, por exemplo, pela Polícia Militar, e também a violência estrutural, na medida em que defende a privação de direitos básicos, como a educação. Além disso, a recorrente ideia de que os inimigos devem ser combatidos bem como sua frequente desmoralização nas postagens, reforça uma comunicação orientada para a violência. Da mesma forma, percebemos que uma violência cultural, como o machismo, é acionada para justificar a violência estrutural manifestada nas publicações.

O alto engajamento na “percepção do outro como inimigo” reflete o processo de identificação e replicação dos discursos violentos, bem como a intolerância ao pensamento diferente, o que pode promover outras formas de violência. Desta forma, é importante ressaltar que este trabalho, ao compreender as manifestações de violência num processo cíclico, dinâmico complexo, e que pode ser acelerado pelas redes sociais digitais, e ao identificá-las nas formas simbólicas da comunicação digital e suas interfaces, destaca a necessidade de pensar criticamente os usos dos sites de redes sociais para processos de mobilização social e conversação política que podem contribuir para a manutenção ou rompimento dos ciclos de violência.

REFERÊNCIAS

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GALTUNG, Johan. Violence, peace, and peace research. **Journal of Peace Research**, v. 6, n. 3, p. 167- 191, 1969.

_____. Cultural violence. **Journal of Peace Research**, v. 27, n. 3, p. 291-305, 1990.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

HENRIQUE, Guilherme. **A nova onda conservadora no Brasil**. DW, 2017.

JOHANSEN, Jorgen. Nonviolence: more than the absence of violence. In: WEBEL, Charles; GALTUNG, Johan. (Orgs.). **Handbook of peace and conflict studies**. New York: Routledge, 2007, p. 143-159.

KELLER, Suéllen Bezerra Alves. A ascensão do conservadorismo e o projeto neodesenvolvimentista: implicações ao Serviço Social. **SER Social**, v. 21, n. 44, p. 157-178, 10 mar. 2019. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/23487. Acesso em: 06 jun 2020.

MAIA, Rousiley C. M.. Internet e esfera civil: limites e alcances da participação política. In: MAIA, Rousiley C. M.; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco P. J. A. (orgs.). **Internet e Participação Política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 47-91.

MARTINS, Marcos F. Educação, cidadania regressiva e movimentos sociais regressivos: o MBL em questão. **Crítica Educativa**, v. 4, n. 2, p. 41-68, 2018.

MOVIMENTO Conservador. **O movimento**. Disponível em: <https://movimentoconservador.com/o-movimento/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

RECUERO, Raquel. **Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais na internet. Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, v. 1, p. 51-70, 2013.

RECUERO, Raquel; SOARES, Pricilla. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage "Diva Depressão". **Galáxia**, v. 13, n. 26, p. 239-254, 2013.

SALHANI, Jorge; CABRAL, Raquel. O Jornalismo para a Paz: conceitos e reflexões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - E-compós**, Brasília, v. 20, n. 3, 2017.

SALINAS, Alex. Ivan. A. Periodismo y comunicación para la paz. Indicadores y marco regulatório. *Revista Comunicación y Ciudadanía Digital – COMMONS*, v. 3, n. 1, p. 57-92, 2014.

THIBES, Mariana Z.; PEREIRA, Natasha. B.; SEGURADO, Rosemary; CHICARINO, Tathiana S. Movimentos sociais e coletivos no Brasil contemporâneo: horizontalidade, redes sociais e novas formas de representação política. **Simbiótica**, v. 7, n. 3, 2020.

WIBERG, Håkan. Investigação para a paz: passado, presente e futuro. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 71, p. 21-42, 2005.

SILVA, Marcelo K.; PEREIRA, Matheus M. Movimentos e contramovimentos sociais: o caráter relacional da conflitualidade social. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 8, n. 20, 2020, p. 26-49.

Artigo recebido em: 23 nov. 2021. | Artigo aprovado em: 25 abr. 2022.